

ISSO NÃO ERA UMA LENDA: CONFLUÊNCIA DE INUNDAÇÕES EM ANÁPOLIS

SOUTHERN SECTOR, FROM HEALTHY NEIGHBORHOOD TO HEALTHY CITY: A METHODOLOGY

Lucas Gabriel Correia Vargas, Mestre, Universidade Estadual de Goiás/CET/Arquitetura e Urbanismo,
Wilton de Araujo Medeiros, Doutor, Universidade Estadual de Goiás/CET/Arquitetura e Urbanismo, wilton@ueg.br

Resumo: O presente trabalho investiga a presença de ausências materiais na história urbana de Anápolis, por meio de um estudo sobre o antigo Lago das Antas (ou Lagoa de Santana) e da "baixada do sapo". Esses espaços, hoje apagados fisicamente, persistem em narrativas populares e documentos históricos. A partir de pesquisa bibliográfica e documental, buscamos compreender a relação entre o apagamento de paisagens naturais e os problemas urbanos contemporâneos, como as inundações recorrentes. Partimos da hipótese de que, ao revisitar o palimpsesto urbano, o pesquisador se depara com "fantasmagorias" — vestígios imateriais da cidade —, que auxiliam na reconstrução crítica da forma urbana. O objetivo geral é registrar como as ausências, tratadas como lendas, podem ser significativas na leitura da história urbana e nos desafios atuais de planejamento urbano.

Palavras-chave: História urbana. Paisagem apagada. Inundações. Morfologia urbana. Anápolis.

Abstract: This work investigates the material absences in the urban history of Anápolis, focusing on the former Lago das Antas (or Lagoa de Santana) and the so-called "baixada do sapo". These areas, physically erased, still remain through popular narratives and historical documents. Based on bibliographic and documentary research, we seek to understand the connection between the erasure of natural landscapes and present-day urban issues, such as recurring floods. We assume that, when revisiting the urban palimpsest, the researcher encounters "phantasmagorias" — immaterial remnants of the city — which are essential to critically reconstruct the urban form. The general objective is to demonstrate how these absences, often dismissed as legends, hold value for understanding urban history and current urban planning challenges.

Keywords: Urban history. Erased landscapes. Floods. Urban morphology. Anápolis

INTRODUÇÃO

O processo de urbanização das cidades brasileiras, em especial daquelas localizadas no Centro-Oeste, frequentemente revela-se marcado por camadas sucessivas de apagamentos territoriais, simbólicos e ambientais. Em Anápolis, Goiás, essa dinâmica se expressa de forma emblemática no trecho que compreende a Praça Abílio Wolney, o Centro Administrativo e o Fórum, área historicamente atravessada pelo Ribeirão das Antas e por seu afluente, o Córrego dos Cezáreos (França, 1973 e Silva 1997). A confluência desses cursos d'água gerava, em épocas anteriores à urbanização intensiva, uma extensa área de alagamento sazonal conhecida como Lago das Antas, também referida como Lagoa de Santana (Rézio, 2015).

Com o passar dos anos e o avanço da ocupação urbana, esse espaço foi sendo transformado em brejo durante os períodos chuvosos e popularmente apelidado de "baixada do sapo". Contudo, ao observá-lo hoje, o local já não apresenta os traços visíveis dessa paisagem hídrica. Pavimentado e urbanizado, ele se apresenta à experiência cotidiana como um espaço ordinário, desconectado de seu passado ambiental.

Diante disso, muitos poderiam considerar as histórias que relatam a presença de um lago como lendas urbanas sem fundamento empírico. A problematização que aqui se coloca é justamente a de como a história urbana pode acolher, interpretar e ressignificar narrativas tidas como lendárias, conectando-as aos debates sobre morfologia urbana, memória coletiva e planejamento territorial.

Nesse contexto, o presente trabalho propõe refletir sobre duas dimensões articuladas: de um lado, a epistemologia da escrita histórica diante das ausências e lacunas documentais; de outro, a relevância das narrativas orais e imagéticas como ferramentas de investigação urbana. Trata-se, assim, de examinar de que modo supostos apagamentos — físicos e simbólicos — podem ser interpretados como "fantasmagorias" urbanas, termo aqui utilizado para designar vestígios imateriais que permanecem atuantes na configuração contemporânea da cidade.

Essa abordagem insere-se na perspectiva da cidade como palimpsesto, ou seja, como um texto urbano continuamente reescrito, no qual camadas do passado permanecem latentes sob as estruturas atuais. A justificativa para este estudo ancora-se na necessidade de se compreender os impactos da negligência histórica e ambiental nos processos de urbanização.

As recorrentes inundações registradas na área central de Anápolis, mesmo após sucessivas intervenções de

engenharia urbana, sinalizam para uma persistência da morfologia natural suprimida.

Nesse sentido, o reconhecimento da existência anterior de corpos hídricos e áreas brejosas torna-se fundamental para a compreensão dos limites e contradições das soluções técnicas adotadas no território. O objetivo geral do trabalho é registrar e analisar os desdobramentos de uma construção de conhecimento histórico e urbano que parte de fontes bibliográficas, documentais, iconográficas e orais, com foco na memória do Lago das Antas e da "baixada do sapo".

A hipótese que orienta a pesquisa é a de que o estudo da forma urbana exige, especialmente em casos como o de Anápolis, uma escuta atenta às ausências materiais, cuja presença se manifesta por meio de narrativas, imagens e nomes populares. Ao revisitar o palimpsesto urbano, o pesquisador se depara com "fantasmagorias" — vestígios imateriais da cidade —, que auxiliam na reconstrução crítica da forma urbana.

Longe de serem meras fabulações, essas "fantasmagorias" constituem-se como indícios relevantes da paisagem perdida e como ferramentas analíticas para o planejamento urbano contemporâneo. Ao lançar mão de uma abordagem transdisciplinar, que articula história urbana, geografia, memória e iconografia, pretende-se contribuir para o debate sobre o papel da memória e dos vestígios no entendimento da cidade e de suas vulnerabilidades socioambientais.

Ao reconhecer que os traços do passado permanecem inscritos — ainda que de forma invisível — na configuração atual da cidade, o estudo reforça a importância de práticas urbanísticas mais sensíveis à historicidade dos territórios e às camadas simbólicas que estruturam o espaço urbano.

MATERIAIS E MÉTODOS ou PROCEDIMENTOS DE TRABALHO

O estudo baseia-se em pesquisa bibliográfica e documental com abordagem qualitativa e exploratória. O método bibliográfico foi utilizado como ferramenta central para o levantamento de fontes secundárias, como livros, artigos, memorialísticas e publicações institucionais sobre a história urbana de Anápolis. Complementarmente, foram analisadas fontes iconográficas (fotografias, mapas e imagens antigas) e orais, estas últimas especialmente por meio de relatos de memorialistas e moradores antigos da região. (Borges, 1975, Jayme, 1979, CEPEDOC 2025, IJM, 2025 e MHA, 2025).

Na pesquisa histórica, o estudo bibliográfico não se limita à análise textual, mas amplia-se ao cotejo com registros

visuais. Esses registros permitem revelar aspectos do passado que, por vezes, foram silenciados pela historiografia oficial ou negligenciados pelas transformações urbanas. A análise iconográfica, ainda que subjetiva, foi utilizada com critério, considerando-se sua complementaridade à documentação escrita e sua capacidade de sugerir continuidades entre o visível e o desaparecido.

O caso do Lago das Antas e da "baixada do sapo" representa um exemplo paradigmático: a urbanização eliminou fisicamente os elementos hídricos naturais, mas não apagou os traços históricos e os impactos que persistem até os dias atuais, como as enchentes. Foram considerados os seguintes procedimentos: levantamento de fontes documentais no acervo do Museu Histórico de Anápolis; análise do primeiro levantamento cadastral urbano da cidade; interpretação de imagens e fotografias de época; e coleta de relatos orais registrados em obras memorialísticas.

As intervenções urbanas (como aterros, canalizações e pavimentação) também foram documentadas, permitindo compreender como a área se transformou e quais consequências isso trouxe à dinâmica urbana. A escolha metodológica por privilegiar fontes híbridas — visuais, orais e documentais — permitiu expandir a análise para além da materialidade presente e alcançar vestígios de uma paisagem ausente que permanece ativa nas dinâmicas atuais do território.

RESULTADOS

A análise documental, iconográfica e memorialística realizada ao longo desta pesquisa permitiu evidenciar a complexidade dos processos de apagamento e reconfiguração da paisagem urbana em Anápolis. A investigação revelou que a área atualmente compreendida entre a Praça Abílio Wolney), o Centro Administrativo e o Fórum Municipal, anteriormente abrigava uma paisagem hídrica relevante, composta pela confluência entre o Córrego dos Cezáreos e o Ribeirão das Antas.

Documentos cartográficos históricos, fotografias antigas e relatos orais indicam que essa região possuía características de várzea, com presença de brejos e alagamentos sazonais, sobretudo durante o período das chuvas. Essas características naturais foram, ao longo do tempo, recobertas por intervenções urbanas que buscaram impor uma nova paisagem ao território (figura 01).

Figura 01: Vista aérea de Anápolis, por volta da década de 1940.

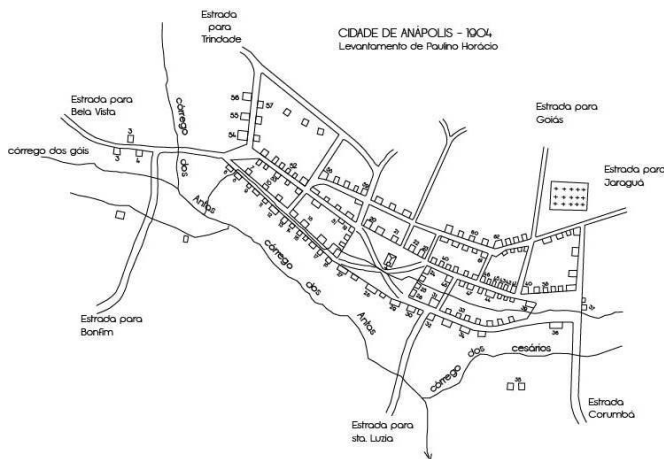


Fonte: Museu Histórico de Anápolis, 2025.

A canalização dos córregos, a pavimentação e o aterramento de áreas alagadiças alteraram significativamente a dinâmica hídrica da região, sem, no entanto, eliminar por completo suas consequências. Apesar da ausência atual de corpos d'água visíveis, a persistência de enchentes e inundações urbanas sugere uma persistência do traçado natural, que ressurgiu sob determinadas condições climáticas e evidencia a insuficiência das soluções técnicas adotadas ao longo do século XX.

Um dos principais documentos analisados foi o primeiro levantamento cadastral urbano do início do século XX, disponível no acervo do Museu Histórico de Anápolis e publicado por Borges (1975). Esse levantamento (figura 02), elaborado com base em visitas *in loco* e entrevistas com moradores da época, registra detalhadamente a organização do espaço urbano, as edificações existentes e os acidentes geográficos.

Figura 02: Representação do Levantamento cadastral de Paulino Horácio, feito em 1904.



Fonte: Borges, 1975.

A comparação entre esse registro e os mapas contemporâneos demonstra que a ocupação de áreas originalmente alagadiças por empreendimentos institucionais e residenciais iniciou-se por volta da década de 1950, margeando córregos e áreas antes não urbanizadas (figura 03).

Figura 03: Levantamento cadastral do Escritório Técnico Friedmann, de 1949. O Mapa cadastral inclui detalhes sobre vias e bairros projetados e aprovado, mas ainda não loteados.



Fonte: IJM, 2025.

Esse processo de ocupação, muitas vezes desarticulado de qualquer planejamento urbano e ambiental, contribuiu para o surgimento de zonas de risco associadas à drenagem deficiente e à impermeabilização do solo. Além disso, registros iconográficos demonstram uma significativa diferença altimétrica entre a capela fundacional e o curso do Ribeirão das Antas, corroborando relatos históricos sobre as dificuldades de captação e uso da água naquela região.

Essa relação topográfica, embora tendo sido parcialmente suprimida pelas transformações urbanas, ainda pode ser observada como “fantasmagoria” em fotografias aéreas e registros cartográficos recentes.

A edificação da capela em cota alta voltada para o córrego (figura 04) indica não apenas uma escolha simbólica, mas uma tentativa de articulação funcional e fundacional com

a paisagem – algo que se perdeu nos processos urbanísticos modernizantes subsequentes.

A construção de uma nova Igreja ocorrida na década de 1940 reforma essa perda, uma vez que o direcionamento da nave central é implantado paralelo a via, modificando a abertura frontal da igreja para o largo e não mais para o curso d'água.

Figura 04: Gravura de Antônio do Padre de 1888 mostrando o Largo de Santana, com um curso d'água atravessando o largo, apresentando a antiga Capela de Santana das Antas construída em 1870, perpendicular ao córrego.



Fonte: MHA, 2025.

Em relatos memorialísticos analisados, como os de Ferreira (1979), reitera-se a existência de um corpo d'água denominado Lago das Antas ou Lagoa de Santana, cuja localização seria correspondente à atual baixada localizada entre o centro histórico e os edifícios administrativos.

Ao longo da década de 1970/1980 toda essa região passou uma drenagem, e o Antas foi canalizado, modificando a paisagem, que antes era um amplo espaço alagadiço, agora ocupado com uma larga avenida marginal.

Embora esses relatos não sejam sempre precisos em termos cronológicos ou geográficos, sua recorrência e articulação com outras fontes conferem-lhes valor heurístico. Essa “fantasmagoria”, isto é, essa ausência presente no imaginário e na toponímia urbana, ressurge como chave interpretativa para compreender os limites e contradições da morfologia urbana contemporânea.

A análise iconográfica, por sua vez, revelou diversos elementos da paisagem original que resistem à completa eliminação. Fotografias de diferentes décadas indicam a continuidade de áreas mais suscetíveis ao acúmulo de água, mesmo após a instalação de sistemas de drenagem.

recorrentes. Assim, compreender os apagamentos não é apenas um exercício histórico, mas uma ferramenta crítica para o urbanismo contemporâneo. Por fim, a presença simbólica da água como elemento de fundação — materializada na posição da capela e nos discursos fundacionais — se contrapõe à ausência atual de diálogo entre cidade e natureza. Recuperar essas narrativas permite não apenas enriquecer a história local, mas também promover uma abordagem mais sensível à paisagem nos processos de planejamento e intervenção urbana.

CONCLUSÕES

A investigação demonstrou que elementos hoje considerados lendas urbanas, como o Lago das Antas e a "baixada do sapo", são, na verdade, marcas de uma paisagem histórica real, cujos vestígios permanecem em narrativas e consequências urbanas.

A leitura crítica desses fragmentos permite compreender a continuidade entre passado e presente, e reforça a importância de considerar o substrato ambiental e cultural nas análises morfológicas e no planejamento das cidades. Portanto, reconhecer a cidade como palimpsesto e valorizar as "fantasmagorias" que nela sobrevivem é essencial para uma abordagem urbana mais responsável, que leve em conta os apagamentos do passado para evitar os colapsos do futuro.

REFERÊNCIAS

BORGES, Humberto Crispim. **História de Anápolis**. Goiânia: Editora Cerne. 1975, 300p.

CEPEDOC. **Acervo das Caixas de 1947 e 1948**. Centro de Pesquisa e Documentação da Câmara Legislativa de Anápolis. 2025.

FERREIRA, Haydeé Jaime. **Anápolis, sua vida, seu povo**. Brasília. 1979, 437p.

FRANÇA, Maria de Sousa. A formação histórica da cidade de Anápolis e a sua área de Influência regional. In **Separata dos anais do VII Simpósio Nacional – ANPUH**: Belo Horizonte, 2 a 8 de setembro de 1973.

IJM. Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural Professor Jan Magalisnki. **Acervo Iconográfico**. 2025.

MHA. Museu Histórico de Anápolis – Alberico Borges de Carvalho. **Acervo Iconográfico**. 2025

RÉZIO, Tiago José Duarte. **A Tradição do novo. Uma análise das transformações da Avenida Brasil na cidade de Anápolis (1960-2014)** 2015. 118fls. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais e

Humanidades) Programa de pós Graduação e Territórios e expressões culturais no Cerrado. Anápolis, Go.

SILVA, Júlia Bueno de Moraes Silva. **O interior e a sua importância no projeto centralizador do Brasil. Anápolis anos 20-30**. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós Graduação em História das Sociedades Agrárias, da Universidade Federal de Goiás. 1997. 102fls.